

# **António Jacinto do Amaral Martins**

## **Número de matrícula 33**

### **Campo de Trabalho de Chão Bom**

Maria Teresa Sousa<sup>1</sup>

#### **apelo**

A cidade dorme?  
Quem dorme nesta vigília?  
– Nem o despotismo nem o medo. . .  
Nem a resistência. . .  
Talvez a traição, talvez a subserviência.

António Jacinto<sup>2</sup>

O Colóquio “A modernidade nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa: António Jacinto e a sua época” irá trazer à discussão a dimensão de António Jacinto, como poeta e contista, num quadro epocal

---

<sup>1</sup> Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL).

<sup>2</sup> Mário de Andrade, *Antologia Temática de Poesia Africana – Cabo Verde / São Tomé e Príncipe / Guiné / Angola / Moçambique I – Na Noite Grávida de Punhais*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1976, p. 251.

de grande transformação social e política, quer a nível mundial como nacional e, no caso de Portugal, no relacionamento com as Colónias em África.

Por detrás da personagem de papel do poeta António Jacinto ou, de Orlando Távora contista, temos o homem António Jacinto do Amaral Martins.

Nasceu em Luanda, em 28 de Setembro de 1924 e faleceu em Lisboa a 23 de Junho de 1991.

Uma existência de 67 anos povoada de dúvidas e algumas certezas. As dúvidas de alguém que se questiona sobre o lugar que lhe cabe na transformação de uma sociedade desigual mas, que ele sabe poder e dever ajudar a construir, como se infere na primeira quadra do poema “CANTO INTERIOR DE UMA NOITE FANTÁSTICA” (FERREIRA, 1976, pp. 141-142, escrito em Luanda no ano de 1952:

*Sereno, mas resoluto  
Aqui estou – eu mesmo! – gritando desvairado  
Que há um fim por que luto  
E me impede de passar ao outro lado.*

Vontade que reitera no penúltimo grupo de versos do mesmo poema, quando diz:

*Que me derrubem e arremessem ao chão  
Que espezinhem meu corpo já cansado  
À tortura e ao chicote ainda responderei não  
E a cada queda – de novo serei alevantado.  
E não transporei a linha divisória entre o meu e o outro caminho  
Mesmo que a minha luta não tenha glória  
É no campo de combate que alinho.*

As certezas expressa-as nos poemas pois, serão eles a transportar as suas convicções, tal como escreve na carta a Mário Pinto de Andrade, em 1 de Fevereiro de 1952: “Eu creio, firmemente que é pela Poesia que tudo vai começar” (LABAN, 1997, pp. 189-195). Uma poesia de

amor e luta que irá trabalhar durante toda a vida apesar dos momentos de desânimo e exclusão, António Jacinto, sabe que um dia as palavras se juntarão e ele escreverá o Poema:

*POEMA DA ALIENAÇÃO*

*Não é este ainda o meu poema  
O poema da minha alma e do meu sangue  
Não  
Eu ainda não sei nem posso escrever o meu poema  
O grande poema que sinto já circular em mim.  
..... (FERREIRA, 1976, pp. 136-138)*

Se, a poesia o coloca entre os melhores autores angolanos é a escrita epistolar que nos desvenda o intelectual atento e atuante na defesa dos milhares de compatriotas sem voz; o revolucionário que assume uma escolha política, sabendo que essa opção lhe pode custar a vida; o apóstolo que dissemina a doutrina em que acredita.

A nossa colaboração para este encontro será uma pequena contribuição para o estudo, que reputamos de enorme importância, da correspondência que António Jacinto manteve com as mais diversas personalidades e órgãos de comunicação, principalmente, em Angola, no Brasil e em Portugal.

Pensamos que o Autor congrega, na profícua correspondência que trocou, o conceito de “carta”<sup>3</sup> e de “epístola”<sup>4</sup>. António Jacinto é quase um escritor compulsivo de cartas e, é através desse veículo, que divulga a sua criação literária; que promove os seus ideais políticos mas que, também, arquiteta a construção de um homem novo.

<sup>3</sup> “**Carta**, s. f. (lat. *charta*). Folha ou folhas, de papel escrito, que se dobra ou fecha noutro papel e se expede a pessoas ausentes. Missiva” (*Dicionário Prático Ilustrado*, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1967, p. 218).

<sup>4</sup> “**Epístola**, s. f. (lat. *epistola*). Carta: escrever uma epístola a um amigo. Carta escrita por um apóstolo e incluída em o Novo Testamento” (*Dicionário Prático Ilustrado*, 1967, p. 431).

O intervalo temporal da escrita das missivas de António Jacinto, a que pudemos aceder, não é pequeno pois, corresponde a cerca de vinte e cinco anos. Porém, não nos esqueçamos que dois acontecimentos fulcrais interrompem ou destroem este manancial de informações: a prisão de António Jacinto no Tarrafal e a guerra de libertação em Angola. A guerra sobrepõe-se ao período de reclusão e, ainda, o ultrapassa.

Assim sendo, são os arquivos particulares como os de: Lúcio Lara, Mário Pinto de Andrade, António Dias Cardoso ou Salim Miguel, que nos proporcionaram a matéria-prima de que nos socorremos.

Procurámos completar o conhecimento da personalidade de António Jacinto através da consulta do seu processo no Arquivo da P.I.D.E., na Torre do Tombo (ANTT, PT-TT-PIDE/DA/D/1/66261).

Como referimos, António Jacinto esteve preso no Campo de Trabalho de Chão Bom – Tarrafal, Cabo Verde, entre Julho de 1964 e Junho de 1972, de onde sai em liberdade condicional, com residência fixa, por cinco anos, na Metrópole. Acresce a este período, de prisão em Cabo Verde, três anos de detenção – Novembro de 1961 a Julho de 1964 – sem julgamento, na cadeia da P.I.D.E. em Luanda.

A correspondência trocada a partir do Tarrafal é, evidentemente, toda censurada e escrita de molde a não criar problemas. As cartas e, algumas notas, manuscritas por António Jacinto são, depois, datilografadas pelo chefe dos guardas que as junta ao processo, com o Número de Matrícula 33, do preso António Jacinto do Amaral Martins.

Da consulta do “Boletim biográfico do recluso” verificamos que a literatura e a escrita foram uma preocupação constante durante todo o tempo de prisão em Chão-Bom.

No primeiro volume do Processo PT-TT-PIDE/DA/D/662/61 encontra-se a Guia N.º 108/964, de 22 de Julho de 1964, da Procuradoria da República – Luanda, que diz “[...] segue da Cadeia Central de Luanda para o Campo de Trabalho de Chão Bom, em C.V. a bordo do Cuanza a sair desta cidade em 31 do mês em curso e será entregue ao comandante do referido navio” (ANTT, PT-TT-PIDE/DA/D/1/66261, fl. 174). O arguido do processo PIDE/DGS P.C. 662/61 DEL. Angola,

de 18 de Novembro de 1961, segue como réu para o cumprimento de uma pena de catorze anos, no Tarrafal.

António Jacinto percebe o funcionamento do Campo de Trabalho de Chão Bom e, poucos meses após ali chegar, começa a elaborar as “Nota de Pretensão” nas quais faz os mais diversos pedidos. A primeira tem a data de 22 de Outubro de 1964 onde pede para receber o romance *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, o que lhe é autorizado (ANTT, PT-TT-PIDE/DA/D/1/66261, fl. 144).

No ano seguinte solicita, pela “Nota de Pretensão” de 15 de Julho de 1965, autorização para enviar a máquina de escrever “Smith-Corona” para Portugal pois não havia peças para a arranjar em Cabo Verde.

As “Nota de Pretensão” são imensas e cobrem desde as coisas mais mezinhas, como pedir para pôr solas e tacões nuns sapatos; o envio de postais de Boas-Festas; a colocação de uma lente nos óculos; a compra de vinho e aguardente, para festejar o Natal e o Ano Novo, ou bem esclarecedoras da sede de informação e ligação ao mundo que lhe era vedada.

Assim, temos em 26 de Outubro de 1966 a “Nota de Pretensão” em que, no “Assunto”, pede autorização para “fazer o Curso de ESTENO-GRÁFIA, por correspondência, do Externato Lusitano de Comércio” (ANTT, PT-TT-PIDE/DA/D/1/66261, fl. 124). Parece-nos um apontamento de fino humor a referência “por correspondência”.

Já em “Nota de Pretensão” de 13 de Novembro de 1967, refere:

Pretende autorização para continuar a receber, depois de censuradas, as seguintes publicações literárias (de que algumas se incluem nas encomendas hoje recebidas):

- Suplemento de Domingo de “A província de Angola”.
- “Das artes e das Letras”, de “O primeiro de Janeiro”.
- Vértice, revista de Cultura e Arte.
- Boletim bibliográfico, da Livraria Portugal.
- Labor, revista do ensino Liceal, de Aveiro.
- Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa.

Bastante interessante pareceu-nos a Nota de Pretensão, de 12 de Fevereiro de 1969, em que pede para comprar uma nova máquina de escrever, porque a dele está velha, e escreve: “Interessa-me uma máquina portátil, Hermes Baby igual à que o recluso Fernando Pascoal da Costa comprou [...]”. De notar que as Notas de Pretensão são manuscritas com caneta de tinta e assinadas com o nome abreviado; as datilografadas são autenticadas com a sua assinatura por extenso.

Como assinalámos, a leitura do *dossier* da PIDE, permite-nos enquadrar a vivência deste homem num sistema autoritário e repressivo que não tinha contemplação com os cidadãos que lhe fugiam ao controle.

Embora o processo, que leva António Jacinto a cumprir pena de prisão em Cabo Verde, seja instruído pelo TMIA – Tribunal Militar de Instrução de Angola, em Novembro de 1961 (ANTT, PT-TT-PIDE/DA/D/1/66261, fls. 149 a 173<sup>5</sup>), ele já tinha sido detido, uma primeira vez em 1959 e libertado, após interrogatório. O seu nome estava sob observação pois, em Novembro de 1951, a Polícia de Segurança Pública da Província de Angola, emite uma “Informação” sobre o “Movimento dos Novos Intelectuais de Angola” onde indica os nomes dos seus corpos diretivos:

- António Jacinto do Amaral Martins.
- Manuel José Jeremias (filho do Sr. Intendente Jeremias).

Documento este que faz parte do terceiro volume do processo da PIDE que temos vindo a referir e onde, a primeira folha, corresponde a uma cópia da Palestra de António Jacinto intitulada: “Da Literatura, Da Crítica e Da Educação – Luanda, 1951”, espécimen datilografado e assinado pelo Autor.

---

<sup>5</sup> Corresponde à Certidão, datada de 24 de Janeiro de 1964, do libelo acusatório do Promotor de Justiça, do Tribunal Militar Territorial de Angola, em que acusa os réus: António Dias Cardoso, António Jacinto do Amaral Martins e José Vieira Mateus da Graça, do crime contra a segurança externa do Estado.

Três lexemas: Literatura, Crítica, Educação que pensamos ser os elementos primários e fundamentais de toda a construção do pensamento de António Jacinto.

Se, a leitura do Boletim biográfico N.º 33 do Campo de Trabalho de Chão-Bom, nos elucida sobre uma realidade, parcialmente deduzida pelo que ali está e não está escrito são, sem dúvida, as cartas, mesmo os poucos exemplares que pudemos consultar, que nos mostram o pensamento político que norteava a ação voluntariosa de António Jacinto.

Escolhemos cartas para três destinatários: Agostinho Neto; Mário de Andrade e Salim Miguel. Fizemo-lo seguindo uma lógica em que, cada uma, correspondesse a um objetivo específico, o mais óbvio possível.

Assim, a carta de quatro páginas datilografadas para Agostinho Neto, que começa com “Meu Caro Neto” é a missiva de um amigo respeitoso que, comunga preocupações sociais e políticas e que as transmite ao amigo ausente, ao mesmo tempo que se disponibiliza para uma ajuda incondicional.

Já, para Mário de Andrade, é uma longa carta de onze páginas manuscritas, onde formula perguntas, dá notícias, esclarece o que lhe parece importante e pronuncia-se sobre pessoas e acontecimentos, que pensa serem relevantes para o “Camarada”.

Salim Miguel, a “alma” da Revista *SUL*<sup>6</sup>, é o destinatário de seis cartas de António Jacinto, entre 1952 e 1955, que as publica no livro *Cartas d’África e Alguma Poesia*, de 2005.

Para Salim Miguel, a quem António Jacinto começa por se dirigir por “Meu Caro Camarada”, na primeira carta de Setembro de 1952, onde refere que “[...] nós já não somos desconhecidos [...]” pois se conhecem através de amigos comuns, dos contos de Salim e dos seus próprios poemas. Na penúltima carta, de Outubro de 1955, abre com “Meu Caro Salim”.

---

<sup>6</sup> Revista *SUL* – Revista do Círculo de Arte Moderna – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil.

Dizíamos que a correspondência para Salim Miguel, um conjunto de seis cartas, tem uma vertente mais literária. As conversas visam, principalmente, uma troca de informações sobre o que e, quem, se publicava do outro lado do Atlântico; auscultar a possibilidade de autores africanos serem incluídos em revistas literárias brasileiras, bem como a divulgação de escritores brasileiros em publicações em Angola. É o que podemos constatar na primeira carta, de 24 de Setembro de 1952: “Para a revista *SUL*, que conta com a nossa simpatia hei de enviar trabalhos de todos os jovens de Angola, que se preocupam com coisas do espírito. Por minha vez gostaria de divulgar aqui os vossos trabalhos”.

Encontramos na *SUL* contribuições do próprio António Jacinto que publica o poema “Convite Aos Outros” (*Revista Sul*, n.º 15, Março de 1952, p. 27), no número 15, referente ao mês de Março de 1952 e, em Outubro do mesmo ano, no número 17, sai à estampa: “DOIS POEMAS” de António Jacinto “Quero cantar e cantarei”, que dedica ao escritor Miguel Torga e “Autobiografia” (*Revista Sul*, n.º 17, outubro de 1952, p. 26).

A segunda carta é escrita ao “Meu caro Amigo” e transparece o desânimo que António Jacinto descreve como “Silencieei miseravelmente” e, adiante reafirma o seu estado de alma “Eu mesmo me interrogo à procura de saber o que se passa comigo”. Na continuação da carta percebe-se que a Polícia o espia: “Lilla<sup>7</sup> me mandou umas coisas. Imprudência na situação de pouco senhor de meus actos e de minhas palavras, em que me encontro” e, talvez, seja essa situação de fragilidade que o torna pouco ativo. Porém, não desiste e afirma “Sei que há uns meses fali, parei, mas também sei que *não recuei* e isso satisfaz-me imenso”.

Além das conversas sobre interesses comuns, o Amigo/Camarada Salim Miguel, proporciona-lhe adquirir livros que não estão disponíveis em Angola ou em Portugal mas, que Salim compra no Brasil ou

---

<sup>7</sup> Lila Ripoll (Quaraí, 12 de Agosto de 1905 – Porto Alegre, 7 de Fevereiro de 1967), poetisa, pianista, militante do PCB, foi diretora da Revista *HORIZONTE*, editada em Porto Alegre entre 1949 e 1956. O n.º 10, referente ao ano de 1951, é dedicado ao IV Congresso Brasileiro de Escritores realizado em Porto Alegre.



na Argentina. O temerário António Jacinto pede-lhe dois livros pouco inocentes: *Trente ans du parti communiste Chinois*, de Hou Kiao-Mou e *How the tillers win back their land*, de Hsiao Chien.

A frontalidade de António Jacinto toca, por vezes, a quase rudeza pois não se coíbe de fazer referências a terceiros, sobre quem tece opiniões nem sempre abonatórias, sejam em relação ao perfil pessoal dos visados, sejam a propósito das suas qualidades como escritores e, mesmo, veicular pareceres de outras personalidades sobre amigos comuns.

Tomemos como exemplo o que escreve na carta a Agostinho Neto:

O Lagrifa que é metropolitano não pode contar para a nossa geração pois a poesia dele não pode nem deve fazer carreira entre nós. Remeteu-se a um silêncio profundo que esperamos seja o mais longo possível.

O Salvador Figueiredo apesar da sua habilidade não quer acompanhar o nosso movimento. Pretende ficar retrogradamente a fazer vilancetes à namorada, sonetos ao imbondeiro e o mais. Não pode ou não quer rasgar novos e mais humanos horizontes. E é pena efectivamente.

O Armando Figueiredo era moço de valor. É metropolitano e para aí está vai para dois ou três anos.

O Leston Martins continua e bem. É dirigente do “Movimento” e anda a correr os principais postos emissores da Colónia realizando programas culturais com o n/patrocínio. (LARA, 1997, pp. 440-441)

Não omite a opinião de Augusto dos Santos Abranches sobre os poemas que lhe tinha enviado, dentre os quais alguns de Agostinho Neto e, assim, relata:

Eis o que diz dos teus poemas que lhe enviei: “Poema para todos” é muito fraco. [...]. Nem parece o mesmo poeta vivo, natural, de “Quitandeira” mesmo tendo “que” e “com” ou “como” a mais.

Do António Neto diz: “Sem nada de excepcional, “Programa” satisfaz.

Do Viriato da Cruz diz: Digam o que disserem, temos poeta nosso. “Sô Santo” possui, além do tema, a técnica de uma poesia africana (nem negra nem colonial, africana apenas).

Percebem-se os laços de amizade e de companheirismo que unem estes dois homens. António Jacinto pede ajuda a Agostinho Neto, que se encontra em Portugal: “Nós esperamos muito da vossa colaboração, pois não há dúvidas que vocês aí estão mais em contacto com as directrizes modernas que convém implantar entre nós”. Por outro lado, põe-no ao corrente do que se passa em Angola e partilha com ele as preocupações, bem como as propostas com que tenciona avançar no programa da *Anangola*: campanha de alfabetização, subsídios escolares, habitação condigna. Termina com “[...] o amigo que te abraça [...]”.

Finalmente a carta endereçada a Mário de Andrade, de 1 de Fevereiro de 1952, e que o destinatário, em entrevista a Michel Laban e referindo-se a António Jacinto diz: “Mantive com ele igualmente uma grande correspondência, e salvei uma carta, aquela que você tem entre mãos. E esta carta é muito importante” (LABAN, 1997, p. 67).

Pensamos ser esta uma apreciação lúcida sobre o conteúdo da carta pois, esta longa missiva, como que elabora um programa de ação política, nunca esquecendo o papel da literatura, como elo de aproximação a um importante grupo, que se pretende arregimentar.

A epístola de António Jacinto para Mário de Andrade começa com “Camarada” e termina dirigindo-se a outrem que não somente ao destinatário: “Saudações camaradas para a rapaziada”; “Um abraço do [...]”.

A “rapaziada” supomos que seja a quem António Jacinto chama “[...] a guarda avançada dum movimento de afirmação e reivindicação que agora se esboça e visa interessar toda a nossa gente”.

Mostra-se muito crítico em relação ao rumo que a *Anangola* leva e, cujos membros, segundo ele, se preocupam mais com a exposição

pessoal do que com os reais problemas da população, que deviam ser a prioridade da Associação.

Embora descontente vê, na *Anangola*, um meio útil aos desejos da organização da luta de oposição ao regime colonial e à construção de grupos reivindicativos e, disso, podemos inferir quando escreve: “Ali na *Anangola* resta-nos fazer o que nos for possível e aguardar a oportunidade para varrermos aquilo pondo ali elementos de trabalho avançado”.

António Jacinto continua a sua exposição a Mário de Andrade e, é uma escrita que substitui a oralidade da conversa, porque esta é impossível. Mas, o discurso decorre encadeado, à medida do que se vai lembrando: a exploração do trabalho operário, sobre o qual faz uma observação chocante: “[...] não ganha para comer e vestir e vive crivado de dívidas. Para óbitos e caixões tenho eu, pessoalmente, emprestado e dado muito dinheiro”.

Insiste no valor da Educação como ponto fundamental para “criar necessidades”: de uma habitação; “[...] de um fato que não seja camisa rasgada em segunda mão [...]”; “[...] um salário mínimo compensador”. Mostra-se empenhado nessa valorização para a qual quer contribuir, com campanhas de alfabetização efetuadas por voluntários.

As preocupações de António Jacinto estendem-se aos apoios sociais e a creche, que vai conseguindo manter a muito custo, é disso exemplo.

Porém, a conversa com o amigo desvia-se para a Economia e o mercado internacional do café vem à baila: “Meu caro Mário eu penso que o café é sol de pouca dura. Nesta questão do café anda dedo do capitalismo dos Estados Unidos em combate directo com o Brasil”.

Os seus compatriotas não se livram de censura, os ganhos do café não são reinvestidos para criar riqueza na Colónia mas sim para esbanjar em supérfluos ou para construir uma efémera imagem de abastança e desabafa: “A nova burguesia pensa apenas em gastar, divertir-se, representar de rica, obter coisas que nunca tiveram [...]”. “É uma sociedade inútil e creio que nada há a aproveitar deles”.

Sobre Jeremias<sup>8</sup>, o seu companheiro na direção do “Movimento dos Novos Intelectuais de Angola”, diz: “Ele é apenas um bom rapaz e nada mais. Não podemos contar com ele”. Os outros responsáveis, que o acompanham na direção do “Movimento”, são apreciados como elementos de um grupo que lhe é mais próximo:

Orientam o “movimento” além de mim, o Leston e o Silvan<sup>9</sup>. O Leston além de ser um grande poeta é um elemento progressista a aproveitar e de quem espero muito. O Silvan de quem sou um grande amigo, embora seja um grande poeta é, fora de dúvidas, um “mistificado”.

Muda de tema e aparece a sua preocupação com o trabalho político ao solicitar a Mário de Andrade: “Não será possível enviar-me as conferências de Mao-Tsé-Tung? E mais literatura similar?”.

Depois, a conversa com o Amigo centra-se no outro objeto de interesse comum: a Literatura. António Jacinto elogia Noémia de Sousa e dá conta da sua própria tentativa numa nova escrita poética que, ele deseja ser “angolana”. Envia a Mário de Andrade o poema “Monangamba” para que o mestre se pronuncie.

Assim, através da escrita epistolar de António Jacinto, somos apresentados a todo um programa de linhas de atuação em vertentes programáticas de orientação política; de objetivos éticos para a construção de um novo paradigma social; de um novo cânone para a literatura que se estava a produzir.

---

<sup>8</sup> Manuel José Jeremias.

<sup>9</sup> Leston Martins – Armando dos Santos Leston Martins, nasceu em Moçâmedes em 24 de Janeiro de 1930 e começou, aos 17 anos, a publicar a sua poesia no Suplemento do Jornal *Diário de Luanda*. Fez parte do Departamento Cultural da Associação dos Naturais de Angola (Fundação Mário Soares – Pasta 04354.003.001. Assunto: “Ideologias da Libertação Nacional” – CEA – UEM – Maputo, Mário Pinto de Andrade – 1984-1985. Fundo: DMA – Documentos Mário Pinto de Andrade).

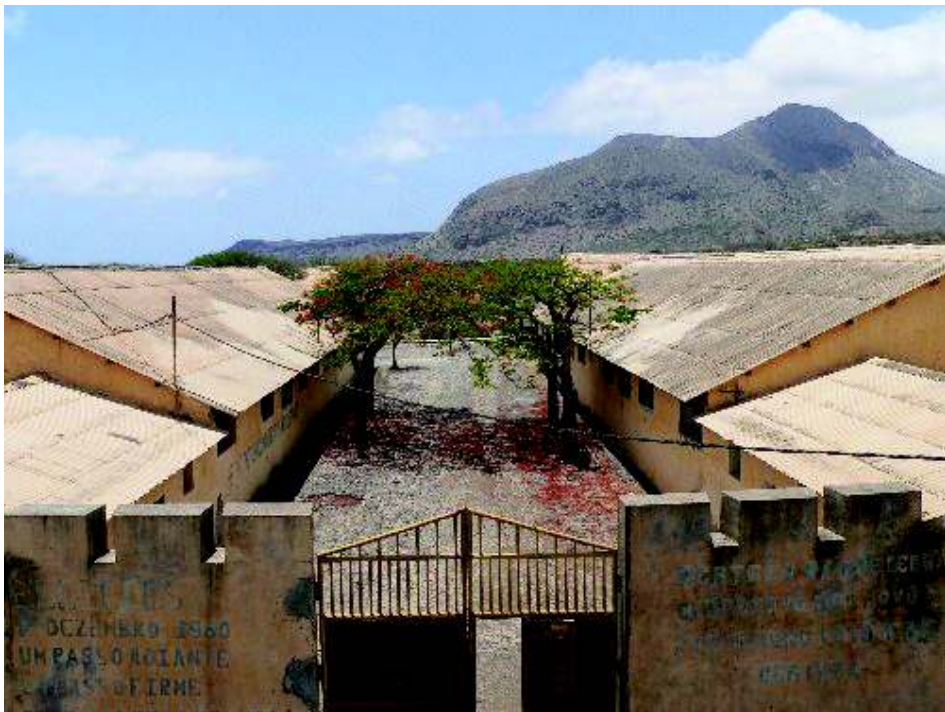
Humberto Silvan – Humberto José da Silvan nasceu em Luanda em 1925. Publicou o seu primeiro livro *Silêncio*, em 1949. Publicou poemas nos Suplementos dos Jornais *A Província de Angola* e *Diário de Luanda* e na *Cultura*. Foi membro do Conselho Directivo do Departamento Cultural da Associação dos Naturais de Angola.

Mário Pinto de Andrade reconhece quão importante é o pensamento que António Jacinto veicula naquela missiva e refere: “[...] é uma carta a estudar [...]” (LABAN, 1997, p. 67).

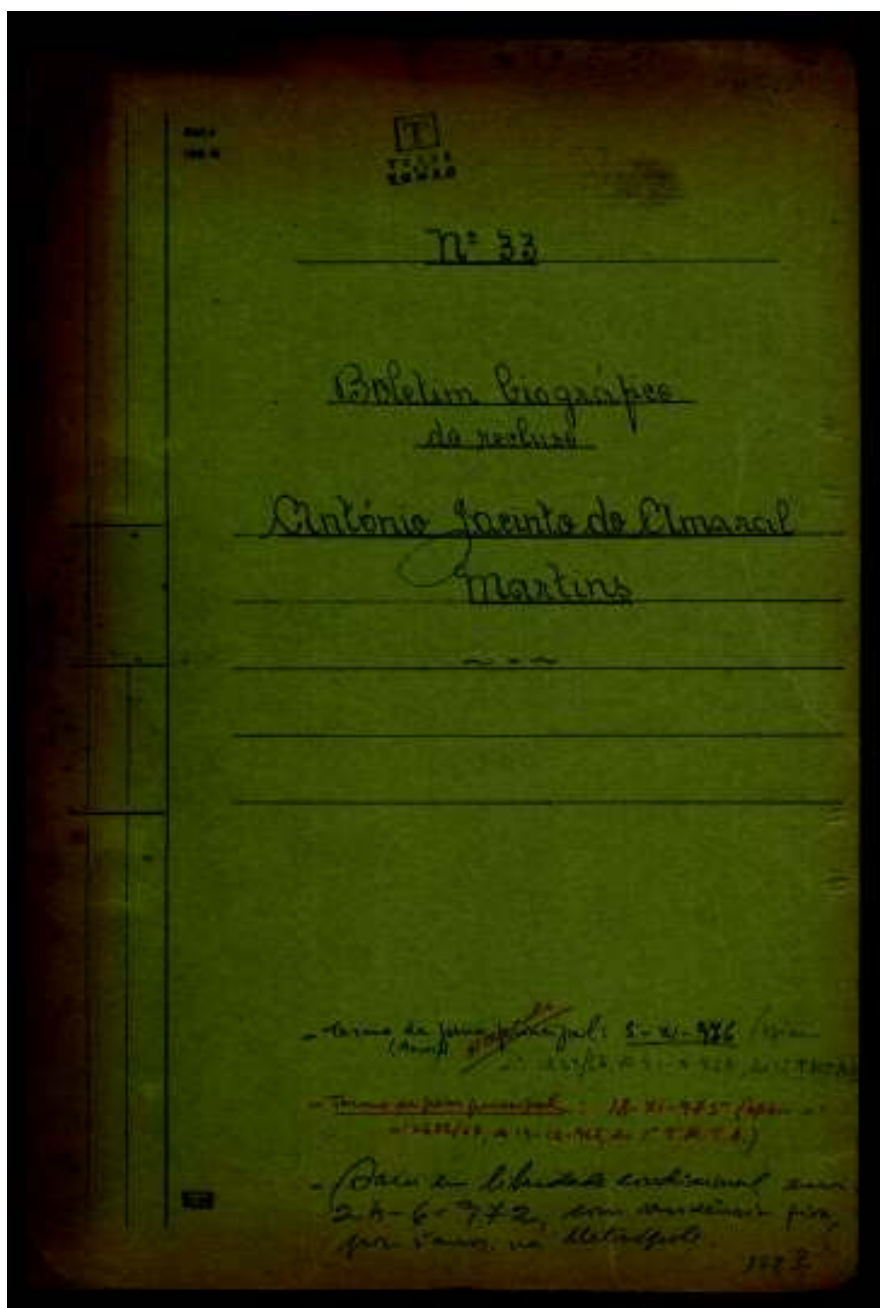
A carta já vai longa, as palavras tendem a repetir-se, o tema que lhe absorve o pensamento é “abrir caminho para nós, para vocês e para os vindouros”.

O fecho da carta a Mário Pinto de Andrade torna-se menos formal e, é novamente o amigo “E é tudo meu amigo”.

## Anexos



Vista da entrada da prisão do Tarrafal



ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0001





Visto: Foi-lhe lavada a matrícula de passaporto para a:

em 2 classes desta classe: *1ª classe*

a partir de: *1964*

Direção dos Serviços de Fronteira e Controlo

*1* O Chefe do Serviço

*[Signature]*

CERTIFICADO

Certifico que se foi entregue a bordo do indivíduo constante da presente Guia.

O Capitão do N/V Quana

*[Signature]*

Bordo do N/V "Quana", launda, aos 31 de Julho de 1964

Apresentado e ficou internado nesta data, pelas

1930, sob o nº 35 de matrícula.-

Campo de Trabalho de "Chão Bom", em Chão Bom,

23 de Agosto de 1964.-

*[Signature]*

Welder Lima dos Bastos

-Info. de Data-

ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0070

PROVÍNCIA DE CABO VERDE  
**Campo de Trabalho de Chás Rum**

**Boletim biográfico do preso**

Nome ANTÓNIO JACINTO DE AMARAL MARTINS  
Número de matrícula 33

\*\*\*\*\*

Idade	Partido	Profissão	Sexo
Idade <u>30</u>	Partido <u>(Na prisão)</u>	Profissão <u>(Na prisão)</u>	Sexo <u>M</u>

Indicador de estado 10.000 15.000 20.000 25.000

**FICHA ANTROPOMÉTRICA E DACTILOSCÓPICA**

**Antropometria do corpo**





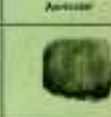
Estatura 1.70 Larg. do peito 100  
 Braço 1.10 Larg. da coxa 100  
 Comprimento do pé 25 Larg. do pé 10  
 Larg. do antebraço 10  
 Larg. do dedo do pé 10  
 Larg. do pé 10






**Dactiloscopia**

Indicador de estado 10.000 15.000 20.000 25.000

**Dactiloscopia do corpo**

Indicador de estado 10.000 15.000 20.000 25.000

Dactiloscopia do corpo				
Polgar	Indicador	Médio	Anelar	Arquitro
				

Dactiloscopia do corpo				
Polgar	Indicador	Médio	Anelar	Arquitro
				

O responsável pelo processo F. J. J.

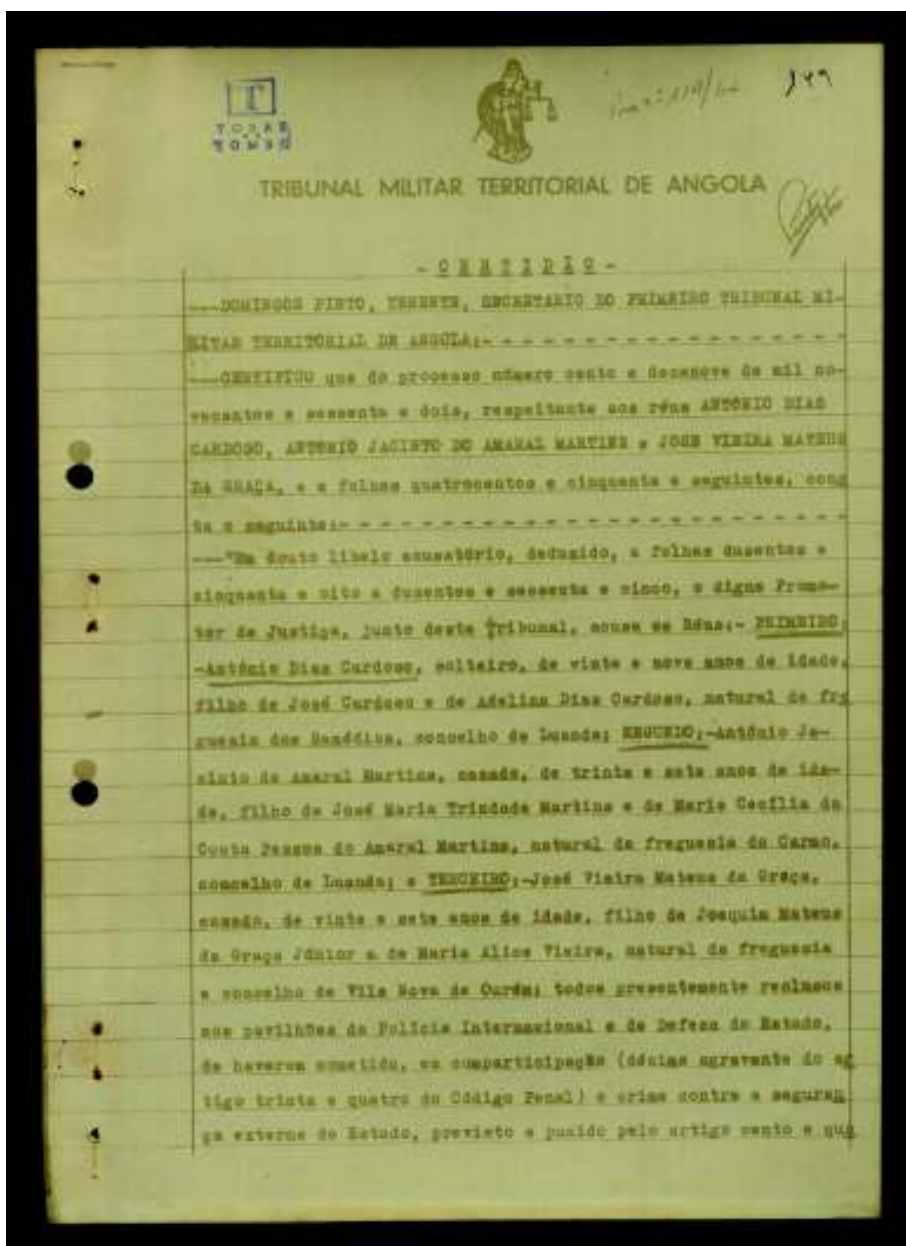
ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0071

ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0072










ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0044

138

Campo de Trabalho de "Chão Bom"

NOTA DE PRETENSÃO

  
TOLIVE  
TOMBO

Do recluso: António Jacinto do Amaral Martins

ASSUNTO: Pretende autorização para mandar  
confeccionar:

1 par de sapatos (meias solas e  
tacões)

1 par de chinelos (tacões)

Em 11, 2, 96 5

A. Jacinto

Informação do graduado de serviço:

Re. Lemos da Silva, para especificar

Em 11, 2, 96 1

A. Jacinto

Despacho:

Autorizado.

Em 11, 2, 96 1

O Director.

[Signature]

1094-11-NCV-Prata

ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0037

21

**Campo de Trabalho de Chão Bom**

**Despacho**

Autorizado:

T  
TOME  
TUNSO

Em 16 / 11 / 1971

O Director,

**Nota de Pretensão**

Do recluso: António Jacinto do Amaral Martins - Angola 1

ASSUNTO: Atendendo à quadra festiva que se aproxima, roga a  
Vossa Excelência autorização para enviar os cartões  
de Boas Festas anexos.  
Antecipadamente agradecido

Em 15 / 12 / 1971  
*António Jacinto do Amaral Martins*

Informação do Chefe dos Guardas:

Em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 197\_\_

1971-1 - Imp. N.º de Cópia Verde


ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0018



20

**Campo de Trabalho de Chão Bom**

**Despacho**



*António Jacinto do Amaral Martins*

Em 21 / XII / 1971.

O Director:

**Nota de Pretensão**

Do recluso: António Jacinto do Amaral Martins - Angola 1

ASSUNTO: Roga a Vossa Excelência autorização para comprar as seguintes bebidas:

1/2 litro de vinho	em 24/Dezembro/1971	✓
1 cerveja	em 25/Dezembro/1971	
1/2 litro de vinho	em 31/Dezembro/1971	✓
1 cerveja	em 1/Janeiro/1972	

Agradece

Em 20 / Dez / 1971

*António Jacinto do Amaral Martins*

Informação do Chefe das Guardas:

Em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 197\_\_.

1971-1 - Imp. São do Canto Verde


ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0017

124

**Campo de Trabalho de "Chão Bom"**

**Despacho**

*honorários*



Em 29 / 1 / 1966

*[Signature]*

**Nota de Pretensão**

Do recluso: Antônio Jacinto do Amaral Martins

**ASSUNTO:** Solicita autorização para fazer o curso de ESTENOGRRAFIA, por correspondência, do Externato Lusitano de Comércio.

Agradece respeitosamente.

Em 26 / 10 / 1966

*Antônio Jacinto do Amaral Martins*

Informação do graduado de serviço:

*De lim. L. Director para apuração e decisão.*

*tuas e continuamente*

Em 27 / 10 / 1966

*[Signature]*

*[Signature]*

*[Signature]*


ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0033

114

**Campo de Trabalho de "Chão Bom"**


**Despacho**

*Autorizado* —



*Em 14/XI/96.*

*Reunião com a comissão  
14.11.62  
A. Jacinto*

O Director 

**Nota de Pretensão**

Do recluso: António Jacinto do Amaral Martins -

**ASSUNTO:** Pretende autorização para continuar a receber, depois de censuradas, as seguintes publicações literárias (de que algumas se incluem nas encomendas hoje recebidas):

- Suplemento de Domingos, de "A provincia de Angola"; ✓
- "Das artes e das Letras", de "O primeiro de Janeiro" ✓
- Vértices, revista de cultura e Arte; ✓
- Boletim bibliográfico, de Livraria Portugal; ✓
- Labor, revista do ensino liceal, de Aveiro; ✓
- Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa. ✓

*Em 13/XI/96.*

*António Jacinto do Amaral Martins*

**Informação do Chefe dos Guardas:**

Este recluso tem recebido os suplementos e revistas mencionados na presente pretensão, por autorização verbal do Senhor Director anterior. De futuro, V. Ex. resolverá como achar mais conveniente.

*Em 13/XI/96.*




Fig. 30000 1/1/97

ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0031

**Campo de Trabalho de "Chão Bom"** 103

**Despacho**

*A bentura para atender.*

Em 12/2/1969

O Director.

**Nota de Pretensão**

Do recluso: Antônio Jacinto do Amaral Martins

**ASSUNTO:** Porque a minha máquina de escrever está bastante velha e estragada, solicito autorização para poder comprar uma nova. Como porão, se trata de uma compra de certo valor, mais solicito que tal possa ser feito por intermédio de um funcionário do Campo, conhecedor do assunto, que eventualmente se deslocasse, em serviço, à Praia. Interessa-me uma máquina portátil. Termino aqui, igual à que o recluso Fernando Pascoal da Costa comprou à firma Abílio Monteiro de Medeiros & Filhos, Lda, em 08/08/68, por 120.000,00, na trouxa com catálogos e preços. Antecedentemente recebido.

Em 12/2/1969  
*Antônio Jacinto do Amaral Martins*

Informação do Chefe dos Guardas:

Fica o caso à consideração do Exmt. Senhor Director.-

Em 12/2/1969  
*José Maria da Silva*

Fp. Sousa/5/48

ANTT, PT-TT-PIDE-CTCB-proc33-NT11\_c0027

## Bibliografia

ANDRADE, Mário de, *Antologia Temática de Poesia Africana – Cabo Verde / São Tomé e Príncipe / Guiné / Angola / Moçambique I – Na Noite Grávida de Punhais*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1976.

*Dicionário Prático Ilustrado*, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1967.

FERREIRA, Manuel, *No Reino de Caliban – Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa- II – Angola, São Tomé e Príncipe*. Organização, selecção, prefácio e notas de Manuel Ferreira, Lisboa, Seara Nova, 1976.

LABAN, Michel, *Mário Pinto de Andrade – Uma entrevista*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, LDA, 1997.

LARA, Lúcio, *um amplo movimento . . . Itinerário do MPLA através de documentos e anotações de Lúcio Lara* (vol. I – até Fevereiro de 61), Luanda, Edição de Lúcio e Ruth Lara, 1997.

MIGUEL, Salim, *Cartas d'África e Alguma Poesia* – Coligidas e seleccionadas por Salim Miguel seguidas de conversa carioca de Marques Rebelo, Rio de Janeiro, TOPBOOKS, 2005.

*Revista SUL – Revista do Círculo de Arte Moderna* – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil, n.º 15, Março de 1952; n.º 17, Outubro de 1952.